

O bloco no poder dentro revolução Bolivariana na Venezuela durante o governo de Hugo Chávez

GT14- Hegemonia estadunidense, políticas públicas e sociais e alternativas de desenvolvimento na América Latina.

Rennata Kelly Muniz Alves¹

Resumo

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa PIBIC/ CNPq/ UFCG 2011-2012 que procura analisar os governos “pós-neoliberais” na América Latina a partir do caso específico da Venezuela entre os anos de 1999 e 2009. Tendo a finalidade de caracterizar as articulações entre as frações das classes no bloco no poder expressas pelo governo Venezuelano, conscientes de que esse gera efeitos específicos sobre os aparatos de Estado e nas políticas públicas. Procurou-se entender se existiam forças sociais, movimentos sociais, localizados fora do bloco no poder que contribuem para interpretar tal governo. Nosso objetivo foi analisar a formação-econômico social do país e o caráter deste governo a partir da relação entre as frações de classe e o Estado no país. Sendo a Venezuela um país com um baixo desenvolvimento capitalista e uma riqueza baseada nos recursos naturais, petróleo e gás, e que assiste a uma tentativa de formação de uma nova fração dominante no bloco no poder, que denominaremos, na ausência de um conceito mais adequado, como burguesia de Estado a qual emerge impulsionada por uma fração das Forças Armadas que tenta construir o movimento popular. Assim, pretendemos problematizar a possibilidade de construir o movimento social desde o Estado. O governo Chávez é um emergente do “Caracazo” no marco do colapso do sistema político, institucionalmente democrático, bi-partidarista que funcionou com alternância durante quarenta anos.

Palavras-Chave: Frações de Classe, Formação Econômico social, Bloco no Poder, Venezuela.

Este trabalho faz parte de um estudo mais geral dos governos “pós-neoliberais” na América Latina entre 1999 e 2009, entendendo que a partir do ano de 1999, a América Latina passa a se encontrar frente a uma nova situação política, produto do início da crise do neoliberalismo. Estamos frente a uma nova situação política que permite o surgimento de um conjunto de novos governos na sub-região. Esses governos são a expressão inicial da crise do neoliberalismo, o que não significa necessariamente que expressem propostas políticas alternativas, em termos mais substantivos ou sua superação. A crítica ao neoliberalismo assume diferentes discursos nos diferentes países, e tem mais o menos ênfase dependendo do que caracterizamos como o bloco no poder nas formações econômico-sociais específicas em cada país. Para tanto, procuramos entender as articulações entre as frações das classes no bloco no poder expressadas por esses governos, conscientes que geram efeitos específicos sobre os aparatos de Estado e nas políticas públicas em particular as políticas sociais.

Esta pesquisa se direciona especificamente ao estudo do caso da Venezuela, analisando o governo de Hugo Chávez e sua postura de assumir um discurso crítico ao neoliberalismo e depois do golpe de estado de 11 de abril de 2002, de afirmar a ideia do socialismo do século XXI. Isto nos leva a considerar a necessidade de analisar o bloco no poder correspondente a essa formação econômico-social específica, a Venezuelana.

¹Aluna do curso de Ciências Sociais – Bacharelado, Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, UFCG, Campina Grande, PB, E- mail: rennatamuniz@hotmail.com

Objetivamos caracterizar as articulações entre as frações das classes no bloco no poder expressadas no governo de Hugo Chávez desde 1999, considerando as seguintes hipóteses relacionadas no seu conjunto:

Primeiro que não existe uma caminhada rumo ao socialismo, porque não é questionada a propriedade privada burguesa.

Segundo, estaríamos na Venezuela frente à formação de uma nova burguesia de estado - construída através do poder político do líder venezuelano - que se articula com uma nova fração da burguesia que denominaremos “bolivariana comercial importadora”, e que juntas conformam uma aliança que hegemoniza o bloco no poder.

Terceiro que, pela sua vez, a hegemonia no bloco no poder continua sendo do da renda do petroleiro com novos atores sociais se apropriando do excedente.

Quarto, justamente se bem encontramos elementos nacionalistas e anti-imperialistas no discurso, este governo não questiona essencialmente a divisão internacional do trabalho construída pelo imperialismo.

Em síntese, esse bloco no poder continua se sustentando com a renda petroleira, tendo em vista que a Venezuela tem pouco desenvolvimento industrial e que sua riqueza se baseia em recursos naturais. Problematizaremos também se há uma ‘ilusão desenvolvimentista’ norteando esse processo em nome do socialismo do século XXI.

Esta pesquisa exige como método um estudo aprofundado de caráter bibliográfico, leituras teóricas gerais e também leituras específicas sobre a Venezuela, estas últimas são em sua maior parte em espanhol, devido à escassez de trabalhos em português sobre este tema. Para apreender categorias teóricas essenciais para a compreensão do caso em questão, foi necessário iniciar a pesquisa a partir do estudo de diversos trabalhos no plano teórico.

Na fase inicial nos dedicamos a uma pesquisa bibliográfica geral sobre a Venezuela e buscamos entender em termos teóricos, o conceito formação econômico social, assim como trabalhos histórico-políticos que permitam entender o sistema político venezuelano no período anterior a 1999, centralmente a partir do Pacto de Puntofijo. Posteriormente procuramos entender o processo político venezuelano, desde o “Caracazo”, já que o governo de Chávez é um emergente do “Caracazo” no marco do colapso do sistema político, institucionalmente democrático, bipartidário que funcionou com alternância durante quarenta anos no país. É um processo político complexo que nos exige levar em consideração, as tentativas militares do hoje presidente, seu fracasso e sua prisão até seu triunfo eleitoral, a mudança constitucional, o golpe de estado contra o bolivariano no ano 2002 e seu triunfo frente a ofensiva golpista. Desde esse momento procuramos entender as mudanças na política do governo e verificar se existe um novo bloco no poder em Venezuela. Para entender o governo Chávez devemos ter uma noção geral do mencionado período anterior.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é qualitativa. Nosso estudo é um estudo de caso que tem como objetivo aprofundar sobre o tema. Os procedimentos para obter a evidência empírica do que se pretende pesquisar em termos de dados, em síntese, inclui fontes, como: bibliografia sobre os temas; revistas diversas que se refiram a tal governo; informações fornecidas pelos governos, entre outros documentos que possam ser fornecidos em sites de internet.

Realizamos algumas leituras consideradas relevantes para nossa pesquisa, entre elas foi o escrito de Karl Marx – publicado com uma Introdução de Eric Hobsbawm – intitulado *Formações Econômicas pré-capitalistas*, conhecidas como FORMEN, em que Marx se preocupa estabelecer rejeitando uma leitura economicista, o mecanismo geral de todas as transformações sociais, a formação das relações sociais em um sentido abrangente que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas, entendendo que se desenvolvem conflitos entre as forças produtivas e relações de produção, que podem levar as relações de produção a se ajustarem às forças produtivas. O principal conceito que utilizamos em esta pesquisa de este texto e o conceito de formação econômico social,

diferenciando do conceito de modo de produção. Complementamos para uma melhor interpretação e conceitualização desta diferenciação analítica com a leitura da primeira parte de “Passagens da Antiguidade ao Feudalismo”, de Perry Anderson para o estudo específico de um país.

Também utilizamos o conceito de hegemonia em Antônio Gramsci. Para o estudo do conceito utilizamos os escritos do comunista Italiano dos Cadernos do Cárcere². Hegemonia para ele é a capacidade de direção intelectual e moral, que se relaciona com a estrutura e a superestrutura no interior de um determinado bloco histórico. Definimos bloco histórico em Gramsci como esta particular articulação entre estrutura (econômica) e superestrutura (política, jurídica, ideológica) e que é cimentado pela ideologia, não se restringindo ao sentido de Marx de juventude na “Ideologia Alemã” entendida como uma falsa consciência³. No caso da Venezuela levantamos um conjunto de questões: qual é fração de classe hegemônica no bloco no poder dominante, que fala em nome de um interesse universal dessa sociedade? Como parte de seus interesses particulares e os transforma em gerais? Há uma construção contra hegemônica, como propõe Gramsci? E finalmente, como a construção de uma visão do mundo e uma nova vontade coletiva relacionam estrutura e superestrutura na construção de um novo bloco histórico. De Marx fizemos também, a leitura do *Manifesto do Partido Comunista*⁴ e do *XVIII Brumário de Luis Bonaparte*⁵, focando nos conceitos classe e fração de classe, a relação entre estas e o estado, os governos e o poder político, com suas respectivas mediações, Marx mostra como o fenômeno do bonapartismo aparece aparentemente como por fora dos interesses das classes e frações de classes em luta num período de crise política, mas igualmente garante a dominação burguesa. O bonapartismo é definido como uma aliança de frações de classe que aparece como unidade nacional sustentada pelo exército, por esse motivo muitas vezes Chávez é apontado como Bonapartista. Gramsci diferencia bonapartismo de cesarismo, sendo este último, para o teórico italiano “progressivos”.

Igualmente, segundo nossa hipótese, não estaríamos frente a um governo bonapartista ou cesarista, senão frente ao processo de formação de uma burguesia de estado que se articula com uma nova fração da burguesia que denominaremos bolivariana comercial importadora e que conformam uma aliança que hegemoniza um bloco no poder que pela sua vez continua sendo rentista petroleiro e que não questiona essencialmente a divisão internacional do trabalho construída pelo imperialismo, mas apresenta elementos nacionalistas e anti-imperialistas no discurso.

Continuando no plano teórico, estudamos elementos da teoria política e das classes sociais de Nico Poulantzas⁶, já que ele elabora o conceito de bloco no poder para mostrar que as frações da burguesia, mesmo com diferentes interesses relativamente permanentes, se homogeneizam para garantir a dominação política no estado capitalista. Este conceito nos permite entender que existe uma pluralidade de frações de classe hegemônicas por uma fração destas no bloco no poder, sem que haja ruptura na unidade do conjunto das classes dominantes.

Do teórico Greco-francês, tiramos o conceito de burguesia de estado, assim como da obra de Antonio Mutti e Paolo Segatti⁷. A burguesia de Estado tem a particularidade de nascer no terreno político antes de constituir-se no econômico. Emerge em uma defasagem entre ambos os níveis, de maneira histórica autônoma do resto das frações da burguesia. Como pode cobrir todos os momentos

² Gramsci, Antonio. **Caderno 13**. (1932-1934) Breves notas sobre a política de Maquiavel In Cadernos do Cárcere. Volume 3 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2003 p. 11-109

³ Muito importante diferenciar e não confundir o conceito bloco histórico de Gramsci com o de bloco no poder de Nicos Poulantzas que será mencionado posteriormente.

⁴ MARX, K e ENGELS, F. (2007) **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo.

⁵ MARX, K. (2007) O 18 Brumário de Luis Bonaparte. In: **A Revolução antes da Revolução II**. São Paulo: Expressão Popular.

⁶ Nossa abordagem de POULANTZAS nesta pesquisa rejeita as leituras economicistas e foca nos seguintes textos: **As classes sociais no capitalismo hoje**, Zahar: Rio de Janeiro 1978 e **A crise das ditaduras**. Portugal, Grecia, Espanha. Petrópolis: Paz e Terra, 1976.

⁷ MUTTI, A. e SEGATTI, P. **A burguesia de Estado**. Estrutura e funções da empresa pública. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

do ciclo geral do capital social, distingue-se conceitualmente da pequena-burguesia do setor público e da burocracia estatal (Cf. Mutti e Segatti, 1979) A pesar de ser um conceito polêmico, burguesia de estado será utilizado de forma hipotética, porque até o momento entendemos que é o que melhor explica a articulação entre a fração de classe e Estado nos governos “pós-neoliberais” da região Andina, principalmente no caso Venezuela e em menor escala na Bolívia e no Equador.

No caso venezuelano emerge impulsionada por uma fração das Forças Armadas que tenta construir o movimento popular e observamos um processo de nacionalizações e de empoderamento do Estado com o objetivo de obter um novo modelo produtivo, enquanto é promovida a “cidadanização” das massas populares.

Na Venezuela se constrói uma força social de “cima para baixo”, em um contexto de ausência de importantes organizações sociais pré-existentes. A política externa cristalizara na formação da Aliança Bolivariana para as Américas (ALBA)⁸ com um discurso antiimperialista; ao mesmo tempo em que adotam um conjunto de políticas sociais e cidadãs de inclusão social e compensação social.

Simultaneamente a esses conceitos-chave entramos no estudo mais específico sobre o chavismo na Venezuela e utilizamos como referencia o livro *El elegido presidente Chávez: un nuevo sistema político*, de Medófilo Medina⁹, como forma de conhecer o processo histórico da Venezuela no marco de sua formação econômico-social, e que nos permite analisar ascensão e a formação da figura de Chávez e a configuração econômica, social e política vigente no seu governo

Medina expõe o posicionamento dos meios de comunicação que estão em geral, contrários a Chávez, e a tentativa de alguns intelectuais de explicar a ascensão dele como um caso de despreparo cívico e desespero das massas, querendo fazer da política uma atividade elitista e formal. Por outro lado, mostra o dom midiático do líder bolivariano e sua comunicação com as massas, reforçados pela figura que este representa devido a sua origem e formação. Ele questiona a classificação corriqueira de Chávez como populista, tendo em vista a desqualificação que tem sido empregada no uso desse termo. Acreditamos que esse conceito não nos serve como instrumento de análise por ter passado por certa banalização e por isso não permite uma reflexão densa sobre o caso, então não classificaremos o presidente Chávez como tal.

Medina também investiga a formação de Chávez para nos ajudar a compreender a configuração de seu personagem, explorando sua origem, condição econômica, ingresso na academia militar, os contatos iniciais com a esquerda e o desenvolvimento da atividade revolucionária. Também busca figuras centrais que estariam nas raízes do pensamento do presidente venezuelano, como Simón Bolívar, Ezequiel Zamora e Simón Rodríguez, que serviriam como base dos discursos que orientariam a luta pela igualdade, liberdade, educação popular, união latino-americana, negação ao colonialismo, como também para a ideia de heroísmo militar e necessidade de mobilização popular para se alcançar o triunfo. O pensamento político de Bolívar podemos extrair de seus próprios Escritos Políticos. Para uma crítica de esquerda a Bolívar temos o texto de Karl Marx sobre ele.

Voltando a Medina, em resumo, o autor demonstra que a emergência de Chávez e de uma proposta revolucionária não ocorre ao caso, nem de maneira repentina, mas constituem uma resposta a um longo processo de dominação que passa um país do capitalismo periférico, como a Venezuela. Um estudo que serve como pano de fundo para nossa pesquisa, mas não trabalha as relações entre frações de classe, estado, poder político e governo.

Também estudamos Mariana de Oliveira¹⁰ sobre os avanços e limites do processo bolivariano onde avança com uma caracterização do governo em uma perspectiva semelhante a nossa e que sera de utilidade.

⁸KATZ, Claudio- “El rediseño de América Latina- Alba, MercosuryAlba”Ediciones: Luxemburgo, 2007.

⁹MEDINA, Medófilo; “El elegido presidente Chávez: un nuevo sistema político”, Bogotá: Aurora, 2005.

¹⁰Mariana O. Lopes (Trabalho que é parte da pesquisa e mestrado (UNESP- Marília) e que está em andamento para o Doutorado em Ciência Política.), 2006.

Outras leituras específicas importantes na pesquisa foi o livro Antonio Elías, “Los gobiernos progresistas en debate: Argentina, Brasil, Chile, Venezuela y Uruguay”¹¹.

Na parte específica de Venezuela, Del Búfalo¹² enfatiza que Chávez expressa uma mudança nos setores dirigentes políticos que rompe com o velho clientelismo para instalar um novo que inclui o pessoal militar; mas aprofunda o modelo rentista petrolero com um discurso vazio, em nome do socialismo do século XXI e destaca no plano social as políticas ativas e “Missões” cubanas opositoras da ortodoxia neoliberal (Cf. Del Búfalo em Elías: 2006)

Margarita López Maya possui a visão contrária, nesse momento, o texto é do ano 2005 quando ainda era chavista-considera que Chávez não chegou ao governo por uma correlação de forças de esquerda, mas que sempre buscou uma correção das desigualdades sociais, fomentando permanentemente a participação popular. Realizou junto a um setor militar uma reconstrução do Estado-nação e recuperou a renda petrolera através de uma reforma petrolera, que vincula essa renda com a economia interna (López Maya em Elías: 2006).

Pela sua vez Alan Woods¹³ afirma que Chávez comanda o processo revolucionário das massas pobres venezuelanas no marco de uma revolução socialista na ordem do dia na América Latina (Cf. Woods: 2005).

Inicialmente nossa hipótese concorda com a leitura de Del Búfalo no papel que atribui Chavez às Forças Armadas no aparato de Estado, assim como com López Maya no empoderamento do mesmo, no entanto, nenhum dos dois está buscando explicar a articulação das relações entre as frações de classe e o estado para caracterizar o governo de Hugo Chávez. De acordo com Woods a burguesia em seu conjunto se encontra fora do bloco no poder hegemônico na Venezuela no período estudado e é apresentado como uma classe homogênea e monoliticamente contrária ao governo Chávez. Seu análise tem um conteúdo de classe, mas caracteriza o governo como se fosse exclusivamente uma aliança Chávez-povo pobre, desconsiderando o conceito facção de classe, chave nesta pesquisa.

No decorrer da pesquisa fomos realizando novas leituras para enriquecê-la, no entanto houve a leitura do Livro “Hugo Chávez: da origem simples ao ideário da Revolução permanente”¹⁴ de Bart Jones que escreve um livro jornalístico, mas que trata a vida do líder bolivariano e das grandes transformações pelas quais a Venezuela está passando desde 1998. O jornalista Bart Jones revela o exato momento em que nasce o herói-político Hugo Chávez, que se considera “Simón Bolívar reencarnado”. O olhar de Jones apresenta uma visão completa da trajetória de Chávez, das condições que o levaram a poder, passando pelas verdades e mentiras publicadas pela mídia para chegar à realidade do presidente de um dos países com maior potencial energético da América Latina. Presidente populista? Comunista? Ditador? Descreve o que na prática seria o “socialismo do século XXI”. Em suma, *Hugo Chávez: da origem simples ao ideário da revolução permanente*, de Bart Jones, como jornalista tem como objetivo realizar um contraponto substancial as meias-verdades, deturpações e outras manipulações ideológicas propagadas pela grande mídia brasileira por meio dos seus mercenários, portanto, um documento indispensável para entender a realidade enevoada pelos discursos favoráveis ou contrários. O tom do livro mais jornalístico que acadêmico tem o limite de ser mais descritivo que analítico.

O jornalista se questionava se alguém podia acreditar que Chávez deixaria o poder em 2012/2013?

¹¹ELÍAS, A. (Org.) **Los gobiernos progresistas en debate: Argentina, Brasil, Chile, Venezuela y Uruguay**. Buenos Aires: Clacso, 2006.

¹² DEL BÚFALO, E. EDIA-PIT-CNT In: ELÍAS, A. (Org.) **Los gobiernos progresistas en debate: Argentina, Brasil, Chile, Venezuela y Uruguay**. Buenos Aires: Clacso, 2006. p. 43-47, 68-75 e 144-147.

¹³Os principais textos de Alan Woods, utilizados são: WOODS, A.; **La revolución bolivariana. Un análisis marxista**. Madrid: Fundación Federico Engels, 2005 e *Los sectarios están cegados por su odio a Chávez, lo que los hace entrar en conflicto con las aspiraciones de las masas* In **Razón y Revolución**.

¹⁴Bart Jones, “Hugo Chávez: da origem simples ao ideário da Revolução permanente” - Tradução de Rodrigo Castro- São Paulo- Novo conceito Editora, 2008.

Chávez adotava o pensamento do libertador, com missão de transformar as corruptas intuições da Venezuela e de ver nascer uma América Latina soberana e livre de exploração imperialista, vinda do exterior e da injustiça social interna. Segundo o jornalista Chávez sempre teve sonho de ser sucessor de Bolívar. Invocou em 1982 uma conspiração dentro das forças armadas, provocando o nascimento do Movimento Bolivariano, que visava a liberdade e igualdade na Venezuela. Bolívar, na interpretação do movimento quase sempre defendeu a democracia, a igualdade, a liberdade, no tempo em que regimes autoritários reinavam na América Latina. Bolívar é reconstruído misticamente como o líder que superou as divisões e raças e de classe. Na interpretação do jornalista Chávez continuava a consolidar seu movimento e aumentava seu desejo de transformar a Venezuela em um só. Mas, o movimento corria riscos igualmente de desaparecer.

“O sonho de Bolívar no século 21, é mais do que um sonho. Trata-se de uma decisão pela sobrevivência”. E Chávez se preparava para dar início a uma nova fase, “o socialismo do século 21” Chávez explica que há bastante tempo a tese socialista atraiu atenção, mas negou instalar um governo socialista quando foi eleito presidente em 1998, mas que pouco a pouco começou a adotar a ideia do socialismo, afirma que o golpe acelerou muitas coisas. Definiria socialismo do século 21, para promover a igualdade, a liberdade e a fraternidade; que na verdade mais do que as bandeiras do socialismo histórico são as da Revolução Francesa: “sei que vou morrer sem ver atingida a meta do socialismo.” O movimento bolivariano na época do golpe era o maior do gênero na história da Venezuela. O jornalista foca todo seu trabalho na figura de Chávez pelo que entende acerca da revolução bolivariana, que tratava de um show de um homem só, sendo isso uma das suas fraquezas centrais.

Este livro de Bart Jones, como antecipamos, trata-se de uma leitura específica, um livro descritivo, jornalístico e, portanto não apresenta categorias históricas, rigorosas e analíticas, pelo que também não apresenta nenhuma articulação entre as relações de classe, as frações de classe com Estado e sua forma de governo. Mas, relata a história do país, focando na figura de Chávez o pode se ver como referência para nossa pesquisa.

Realizadas algumas pesquisas textuais, torna-se necessário relatar a correlação com outros artigos que buscam estudar o mesmo objeto, e que pode ser trazido aqui, como o caso de Mariana de Oliveira Lopes¹⁵ no artigo intitulado “Nacionalismo e bonapartismo do governo de Hugo Chávez: A correlação de forças”. Neste artigo a autora explica o contexto político, ideológico, social e econômico do surgimento do governo de Hugo Chávez na Venezuela, ao dizer que, “enquanto praticamente todos os países latino-americanos avançam à implantação do projeto neoliberal em seus respectivos Estados nacionais (principalmente ao privatizarem empresas estatais estratégicas e ao suprimirem direitos sociais dos trabalhadores), a eleição de Chávez apontava para o outro caminho: a defesa de melhor distribuição de renda a partir da principal riqueza produzida pelo gás e petróleo.” A autora aponta que no início de 1990, a Venezuela demonstrava um processo de crise do sistema partidário da democracia *puntofijista*; uma crise da democracia; frações hegemônicas sem condições políticas de governar. A partir daí, houve uma nova correlação de forças no interior do bloco no poder, as condições ideológicas para que a burocracia se torne uma força social que se produz no Estado principalmente com a ascensão do ex- tenente coronel Hugo Chávez à presidência da República. Elabora uma crítica quando afirma que, “Sendo um governo apontado como Bonapartista, por se colocar acima das classes e aí ela demarca uma característica fundamental deste processo, que é a face autoritária, sendo um governo que tem característica militar e que reprime movimentos sociais contrários às políticas do estado. Destaca-se também o artigo de Flavia Bischain Rosa: O ‘velho’ sujeito histórico de luta de classes na Venezuela

¹⁵Mariana O. Lopes (Trabalho que é parte da pesquisa e mestrado (UNESP- Marília) e que está em andamento para o Doutorado em Ciência Política.)

do século XXI”¹⁶, que trata praticamente das mesmas hipóteses do nosso projeto, pois analisa a Venezuela centrando nas relações de classes e luta de classes. Foram lutas sociais que tiveram reflexos na classe trabalhadora, e podemos dizer que a eleição de Chávez segunda a autora casou uma ruptura das massas populares com os partidos hegemônicos. Então, autora reflete sobre a luta de classes adotando a perspectiva do proletariado é pensar quais os próximos empecilhos para a batalha como classe organizada que toma a luta conta o capital.

Como estamos utilizando a expressão “pós neoliberal” no projeto como figura política e não conceito foi muito importante para a pesquisa definir neoliberalismo. Afim de querer aprofundar um pouco nesta questão do Neoliberalismo, buscamos conceituá-lo aqui para tornar mais evidente o porquê de utilizarmos o mesmo na pesquisa, para isso buscamos Perry Anderson com a obra “Balanço do Neoliberalismo”¹⁷, na qual ele busca definir o neoliberalismo como fenômeno distinto do simples liberalismo clássico, do século XIX. O neoliberalismo segundo Perry Anderson, nasceu logo depois da segunda Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo, então o neoliberalismo foi um ataque contra qualquer limitação dos mecanismos do Estado sobre o mercado e a sociedade que era uma ameaça à liberdade, econômica e política. O neoliberalismo tinha uma prioridade, que era de deter a inflação nos anos 70, então o neoliberalismo segundo o autor, mostrou-se realista e obteve êxito. Mas, das experiências viáveis, podemos dizer que a Venezuela fracassou com a dose de autoritarismo político, com sua democracia partidária mais contínua e sólida do que e qualquer outro país da América do Sul, o único a escapar de ditaduras militares e de regimes oligárquicos desde os anos 50. O neoliberalismo é então, um movimento ideológico verdadeiramente mundial e ainda inacabado. Definimos o neoliberalismo como a hegemonia da fração do capital financeiro sobre as outras frações do capital.

Além de esclarecer o conceito de Neoliberalismo, buscamos no texto “Alianza País: Requiem por um Sueño” de Pablo Dávalos¹⁸, no qual procuramos ver qual sua visão e um conceito de “Pós-Neoliberalismo”, a partir do que ele chama de “Alianza País”, partido de Equador que levou a presidência a Rafael Correa. Então, ele nos diz que os governos “Pós- Neoliberais” a todos aqueles regimes políticos que, desde início da crise externa na América Latina, buscaram ajuste para a economia do País, procurando mudanças com respeito às prioridades macrofiscais e dos governos neoliberais. Ele diz que a estabilidade econômica é um mecanismo de legitimidade aos governos neoliberais. Uma política governamental econômica neoliberal. Segundo o autor, as crises políticas foram cenários que se aprofundou o modelo neoliberal pela via reformista, havendo intervenções de ONG’s (Organizações Governamentais) provocadas por um líder bonapartista, que permitiu a transição do modelo neoliberal para o que podemos chamar de “pós-neoliberalismo”, no caso equatoriano que pode decidir tudo o que quer através da Aliança PAIS.

Então a noção de “pós-neoliberalismo” serve para classificar o tempo e a dinâmica política da Aliança PAIS, na visão de Dávalos; permite-nos compreender e estar alertar sobre a questão de por a economia entre parênteses e provocar mudanças políticas, mudanças institucionais, sem alterar o sentido de acumulação de capital e as relações de poder, que são correlativas; uma visão diferente com respeito ao Estado e que visualiza uma alternativa radical do neoliberalismo. Portanto, o “pós-neoliberalismo” seria uma ruptura do modelo neoliberal, sua constituição, em consequência considerando em Equador a Aliança do País como uma forma de política que assume o “pós-neoliberalismo”. Aliança do país

¹⁶Flávia Bischain Rosa (mestranda e ciências sociais pela UEL sob orientação do professor Dr. Eliel Ribeiro Machado, bolsista CAPES e pesquisadora do GEPAL (grupo de estudos de política da América Latina. Este trabalho é parte da pesquisa que está sendo realizada para elaboração da dissertação de mestrado. O texto reflete na pesquisa de campo realizada em janeiro de 2012.

¹⁷ Perry Anderson, in SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.)

¹⁸FRÍAS, Hugo Rafael Chávez. “El golpe fascista contra Venezuela”. Editora Plaza: 2003.

representa o momento mais acabado do “pós-neoliberalismo” que continua, esta aliança significa uma transformação do sistema político. Uma série de coincidências históricas converge na necessidade de mudança do modelo neoliberal da crise de 1999, agora resistente, como os movimentos indígenas, dos trabalhadores, campesinatos e outros. Por fim, a Aliança País na realidade, representa uma saída do neoliberalismo para o modelo “pós- neoliberal” sustentado pela privatização territorial e acumulação por disposição. Uma recomposição da América Latina A ideia é analisar o conceito elaborado por Dávalos e ver a possibilidade de aplicar a Venezuela. É importante que autor realize uma conceitualização que em geral não é feita com esse termino.

Para aprofundar nossa análise sobre o caso Venezuela, trazemos Modesto Emilio Guerrero como livro “Dilemas da Revolução Bolivariana- Venezuela 10 añosdespués”¹⁹ no qual faz uma análise do processo histórico da Venezuela, cruzando com os dados da história argentina. Considera então central uma análise adequada da história, da política e do materialismo histórico que adentra. Importante também a visão dialética do político, que apresenta a incorporação, síntese, crítica, em suma, pretende realizar uma análise da prática revolucionária dos mil militantes venezuelanos que dão corpo a construção de um novo tipo de batalha em abril de 2002, que são de uma central importância para o caminho ao socialismo de caráter coletivo. O desejo do poder popular. No entanto, neste livro estão as diversas interpretações de Modesto e as contradições existentes. Reivindicando o mérito de substituir o assédio aos inimigos internos e o do imperialismo yanqui, e o que isto tem significado nos términos de progressos sociais, culturais e políticos dos trabalhadores expropriados do campo e da cidade. O autor então diz que isso nos serve de guia para compreendermos uma recorrida por 10 anos de revolução bolivariana, com seus lucros, seus fracassos e os imensos desafios que tem por diante. O balance do autor tem mais elementos positivos que negativos, mas não foca na articulação entre as frações de classe, o Estado e o governo.

Entre outras obras que fazem parte do nosso contexto teórico, acrescentamos o livro “El golpe fascista contra Venezuela” do próprio Hugo Chávez (Presidente da república bolivariana da Venezuela), no qual ele irá nos mostrar seus discursos e intervenções que ocorreram em dezembro de 2002 e janeiro de 2003 na Venezuela. Na interpretação de Chávez; em dezembro de 2002 os que pretendiam paralisar a Venezuela e dobrar Chávez, são os mesmo que executaram o golpe fascista sangrento em 11 de abril de 2001, detonaram poder e todos os poderes políticos, as personalidades políticas e sócias do processo bolivariano e pretendiam acabar com as leis adaptadas pelo governo bolivariano. Por isso, o povo bolivariano segundo Chávez, está nas ruas defendendo seus sonhos e esperanças, numa batalha com honra, valentia, na qual Chávez está presente disposto a não entregar o golpismo fascista, o poder que o povo lhe deus. Em suma este livro recorre aos vários discursos e comparações do Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Chávez Frías.

Como nós problematizamos se há uma ‘ilusão desenvolvimentista’ norteando esse processo em nome do socialismo do século XXI; achamos de grande importância estudar a obra de Jorge A. Giordani C. intitulada “La transiciónvenezolanaal socialismo”²⁰ para explicarmos melhor este processo ideário. Segundo Giordani falar de Socialismo do século XXI nos parece desejar reconhecer as lutas anteriores a este século, que procederam muitos venezuelanos irem à busca deste socialismo. Lutas essas, que foram heroicas, pois buscava trazer um futuro diferente para a Venezuela, que era plantar a necessidade do socialismo do século XXI, que é parte de uma constatação do que é o modelo rentista capitalista que é incapaz de satisfazer as necessidades sociais dos venezuelanos de forma permanente. A transição do modelo rentista capitalista atual por um modelo produtivo de caráter socialista e que também requer uma ativação do poder produtivo baseado no trabalho. Construir uma sociedade socialista é então uma vontade política de mudança, necessária a fim de contas, afirma Giordani, que expressa um movimento

¹⁹Modesto Emilio Guerrero como livro “Dilemas da Revolução Bolivariana- Venezuela 10 añosdespués”. EdicionesHerramienta, 2009.

²⁰Jorge A. Giordani C. intitulada “La transiciónvenezolanaal socialismo”. Edición, mayo de 2009.

de transformação nacional com o apoio coletivo e intelectual de Gramsciano, com uma organização política de apoio, sustentando a vontade popular. Fica difícil pensar a transição ao socialismo sem criticar a propriedade privada burguesa como parece acontecer em Venezuela.

Estes dois livros são considerados em nossa pesquisa como parte do relato oficial do chavismo e da revolução bolivariana.

Para servir como pano de fundo da nossa pesquisa, além dos autores já citados, que são também de grande importância para construir o mais completo estado da questão para o tema de nossa pesquisa e obter contribuições diretas ou indiretas. Buscamos um pouco da análise de Flávio da Silva Mendes “Hugo Chávez e seus labirintos – O movimento Bolivariano e a política da Venezuela”. O sociólogo Flávio da Silva Mendes revolve, na sua dissertação de mestrado na Unicamp, a recente história político-econômica venezuelana para explicar a hegemonia chavista da atualidade e os dilemas enfrentados pelo país.

Silva Mendes resgata esse passado para analisar os efeitos do Pacto de PuntoFijo sobre as organizações de esquerda populares daquele país e as dificuldades que estas últimas têm hoje de avançar para uma atuação além das eleições. O pacto foi um acordo articulado por iniciativa e sob a tutela dos EUA, firmado na cidade venezuelana que o batiza, em 1958, entre os três principais partidos políticos conservadores do país (Ação Democrática /AD, Comitê de Organização Política e Eleitoral Independente/Copei e União Republicana Democrática/URD), para legitimar a alternância destes no poder central e impedir a ascensão de outras agremiações.

Silva Mendes fala também das contradições de um país erigido sobre milhares de barris de petróleo e cuja dependência desta fonte energética travou o desenvolvimento industrial e agrário, fragilizando a economia e estimulando a consolidação de uma burguesia atrelada ao Estado. Analisa ainda os cenários eleitorais na Venezuela e como o Mercosul é um entrave a blocos de caráter não só econômico, mas também de trocas de experiências de combate à pobreza e às desigualdades sociais entre países, como se propõe a ser a Alba (Alternativa Bolivariana para as Américas).

Dentre estudos que realizamos, utilizamos como fonte de pesquisa alguns sites da Venezuela, que retratam a posição política do ponto de vista do Estado. Sites que encontramos nos livros de Chávez “El golpe fascista contra Venezuela” e no livro de Giordani “La transición venezolana al socialismo”, os quais serviram de apoio para o avanço da nossa pesquisa. Pois, relatam um pouco sobre o poder Executivo, o Ministério do poder popular, o Ministério da economia e do banco central (ver em internet e por o nome completo preciso de cada ministério e os sites em nota de rodapé informando a última data de acesso)²¹. Entre outros sites.

Percebemos a partir estudo do caso Venezuelano até o presente momento, que em momento de crise política, econômica e social, se desenvolvem nos países periféricos do capitalismo, respostas a um sistema de exploração, mesmo que tais respostas por muitas vezes não questionem as raízes desse sistema. É preciso que pensemos de forma crítica os rumos que está tomando um país onde emerge uma figura capaz de formar uma identidade, que ao menos aparentemente, é representante dos anseios das massas e que assume um discurso que problematiza uma mudança de paradigma em toda a América Latina, ao mesmo tempo em que permite a aliança de frações da burguesia e a consequente formação de um bloco no poder com elementos novos (burguesia de estado, burguesia bolivariana comercial importadora) e anteriores riqueza a partir da renda petroleira.

Problematizamos se uma revolução pode ser possível tendo seu controle a partir do próprio estado e com excessiva valorização do papel de um “herói militar”, lógico que com características específicas. Como esta poderia ser feita não diretamente guiada pelo povo, mas sendo realizada “de cima para baixo”?

Entendemos que existe uma relação em termos gerais entre o proposto no cronograma e o trabalho realizado, entre as leituras teóricas e as leituras específicas, tendo em vista que o objetivo da pesquisa está sendo alcançado e que obtivemos resultados compatíveis com o tempo já decorrido, respeitando o cronograma indicado o projeto, o que pretendemos continuar seguindo nos próximos meses para que possamos caminhar para a conclusão da pesquisa.